

UMA ENTRADA¹

Digo: o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.
Guimarães Rosa

Impossível partir de outro tema para nosso texto na ocasião deste Colóquio de Convergência – aliás, o primeiro como membros – que não fosse o testemunho a respeito do processo de nossa entrada no Movimento. Gostaríamos de antecipar que se tratou de um verdadeiro “encontro” como aqui se pretende, ou seja, daquele necessário tanto à cura/tratamento psicanalíticos, ao funcionamento de carteis e dos passes, que pode, certo, serem bons ou maus. Mas a aposta é a de que seja possível que se dê a oportunidade do “bom momento”, “*le bon heur*”, “a boa hora” que, em português, perde a homofonia que há entre “*le bonheur*”, contudo, podemos traduzir como “feliz encontro”.

Importante dizer que há anos vínhamos, na Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória, discutindo a possível entrada no Movimento. Discussão que ficava, por vezes, silenciada, até que o desejo de um ou de outro se manifestasse e novamente dava voz à questões como: “no que interessa à psicanálise, e à nossa Escola, participar de um movimento como este? Por que participar?”. Tais interrogações frequentemente nos conduziam ao estatuto, textos, a um pouco da história do Movimento, suas motivações e razões de existir. Mas nos parece que o que culminou na apresentação de nossa Escola à Convergência pela Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro, em Madrid, para lembrar, foi termos nos decidido, após longos anos, a fazer uma “abertura”. E não somente a outros discursos com que vínhamos dialogando em discussões e eventos que denominamos “Conexões”. Desta vez, seria com o “estrangeiro”, com o não-familiar, com o “estranho” que habita o encontro com outra língua que não a materna, com um elemento novo que, justamente, pudesse nos retirar de certo adormecimento que a convivência de anos de trabalho, queiramos ou não, produz. Lembrando Lacan, o Real produz seu próprio desconhecimento, ainda que se trate, numa Escola de Psicanálise, de sustentar seus efeitos de surpresa, imprevisíveis que, para além do contingente do pai, no entanto, são necessários.

Nesse sentido, o que decide sobre nossa entrada no Movimento está em consonância com o que eticamente “deve” ser o que se busca, desde Freud, numa análise: que o inconsciente compareça com sua estrutura de fenda, de brecha, virulento e surpreensivo. E está em consonância justo na medida em que não faltaram, estas surpresas. Mas isso somente nos conduziu a concluir, por exemplo, que é a Psicanálise, e não nossos Movimentos que, na verdade, depende disso: de que haja lugar para o imprevisível! Foi assim na invenção da psicanálise: Freud deu lugar ao sintoma, aos chistes, aos atos falhos e aos sonhos; aos “monstros do lago Ness”.

À questão que se apresenta neste Colóquio, então, a de saber de que forma pode a transferência – que autoriza a tarefa analítica (LACAN, 2001) – estender-se ao coletivo e ao reagrupamento das instituições entre elas oportunizando, “augurando”, suscitando o imprevisível, para ela não temos uma resposta, senão um testemunho. Podemos hoje afirmar

¹

Texto a ser apresentado no CLF: colóquio de 17-18 juin 2017 e CLG em Paris, estabelecido por Darlene Tronquoy após discussões, e colaboração, entre as outras duas delegadas de Convergência da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória (Brasil), Vera Colnago e Ruth Bastos.

que houve encontro a partir dos efeitos produzidos pela maneira como sustentamos o trabalho, que aconteceu como preconizado para uma entrada de uma instituição, que se quer psicanalítica, em Convergência.

Em resumo, assim foi: trabalhamos com a Escola Freudiana de Montevideo, Maiêutica Florianópolis–Instituição Psicanalítica e Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro. O primeiro encontro tratou de nossa história numa Jornada em Vitória sobre o *Sinthome*, onde um texto, “Exílios e heresias em Joyce e no percurso de um psicanalista”, provocou um deixar-se levar pela música escutada e um fisgar-se pelo texto do outro num relançamento ao trabalho, em Montevideo, em um evento marcante no que diz respeito à disposição ao enlace. Participamos, na sequência, de outro encontro no Rio de Janeiro (CER-Brasil), cujo tema a ser apresentado – também a partir de texto enviado previamente e trabalhado por outros – foi “*La Frérocité*”. Finalmente, considerados os informes elaborados pelas instituições designadas para o trabalho, fomos aceitos no Congresso de Florianópolis (CEG).

Mas, para além da história, o que desejamos testemunhar são os efeitos de transmissão desses encontros, que ultrapassaram o ódio e a rivalidade – a *frérocité* – entre os pares/frères, sempre tão presentes nas instituições. Tais efeitos foram marcados pela emergência de dois significantes: “disposição” e “despojamento”, que só comparecem quando aquilo que, segundo Freud e o que atesta nossa própria experiência, algo do narcisismo das pequenas diferenças pode tombar dando lugar ao texto, ao trabalho sobre os significantes da psicanálise.

Tornamo-nos, ao fim dos trabalhos, letras lidas por outros, sem propriedade narcísica que, por sua vez, se deixaram fecundar por elas produzindo um outro texto, outras letras: um texto que produziu outro texto.

Uma hipótese sobre o que possibilitou esses efeitos: o tal encontro entre o “familiar” e comum às instituições – os significantes da psicanálise – e o estrangeiro/estranho. Isso fez, para além do sentido visado e da compreensão possível quando se fala supostamente a “mesma língua”, no um a um das experiências, ressoar *lalangue*, quer dizer, o que de mais estranho/familiar pode emergir em uma experiência que reúne, no coletivo institucional, “disparidades”, para lembrar o termo utilizado por Lacan (1992, p.11), que designa o que se passa, efetivamente, na transferência.

Trouxemos aqui *lalangue* justo na medida em que a linguagem, como nos ensina Lacan, “é feita de alíngua [*lalangue*], é uma elucubração de saber sobre alíngua [*lalangue*]. O inconsciente é um saber fazer com alíngua [*lalangue*]” (LACAN, 1982, p. 190), portanto, se se pretende, nas instituições, manter viva a virulência da psicanálise, trata-se justamente de “augurar”, de insistir, em manter as vias abertas a este saber, as vias abertas à *lalangue*.

Hoje, nosso julgamento em relação ao possível de se fazer laço no coletivo – entre analistas – e em que medida Convergência permite isso é SIM, e os significantes surpreivos que permitiram testemunhar a passagem, em nosso caso, da contingência dos encontros ao necessário dos efeitos subjetivos de uma versão em direção ao Pai – *père-version* – repetimos, foram “disposição” e despojamento”. Significantes que ressoaram como essenciais para pensar a questão do “entusiasmo”, signifiante usado por Lacan para falar do fim de análise. Quase sempre lembramos a via da disposição ao trabalho no entusiasmo, mas o despojamento não pode ficar esquecido, pois refere-se ao essencial desnudamento das imagens narcísicas. A resposta é sim, mas queremos ressaltar seu caráter provisório.

Insistimos: sempre há resistência ao real, mesmo quando há transferência de trabalho, resistência que se mostra pela barreira do narcisismo. Vivemos, nos ditos “agrupamentos”, os efeitos de rivalidades ferozes, implícitos nas falas e/ou atos dos analistas, presentes no cotidiano intra e extra-escola. Supor que a ferocidade deixará de existir se sustenta no ideal que impede justamente a aposta no trabalho. Suportar a presença do real que se encena pela ferocidade talvez seja a maior prova de sustentação de desejo por um analista, que insiste no fazer escola tecido pelas letras que caem do ato de autorizar-se de si mesmo, mas não sem alguns outros.

Não ao acaso, escolhemos para o trabalho de entrada *O Seminário XXIII – O Sinthoma*. A aula VII foi o eixo do trabalho como aposta de que poderia nos ensinar sobre o enlace entre os analistas. Lacan utiliza-se, ali, de Joyce para falar sobre o *sinthome* na dimensão do singular. O *sinthome*, em Joyce, é tão singular que não chega a comunicar, pois faltava-lhe o recurso do enlace entre RSI feito numa amarração pelo nome-do-pai. Nele há algo de radical que implica num afastamento de toda ligação que a comunicação comporta – daí seu exílio –, e que aponta para o “cada um” como o UM da diferença absoluta, separado efetivamente do Outro. Tal exílio possibilitou a Joyce separar-se das amarras do Outro e o encontro com o real. Livre, então, Joyce voou com as palavras impostas e suas epifanias pelo céu aberto de seu inconsciente, com sua escrita, na medida em que não possuía outro recurso. Seu exílio, portanto, nos ensina sobre o necessário para se chegar ao UM do *sinthome*. Seu exílio nos instrui, igualmente, sobre a posição de exílio - “*sinthomatique*” - do analista, sua solidão, seu silêncio, tão solidários de seu ato, mas que pode ser temporariamente rompido. Não seria esta, talvez, a importância da insistência em nossos “encontros”? Romper temporariamente nosso exílio – nos colocamos a falar – para recolher seus efeitos na experiência?

“Exílio” foi o significante escutado e colhido já no início. Doravante, ele guiou a “tecitura” dos textos escritos pelos membros das escolas. Será, então, que o que permitiu – também uma hipótese – tal “encontro”, nessa “entrada”, não foi o *fazer ali com* os restos colhidos do “*descolamento*” do familiar causado pelo estranhamento do exílio?

REFERÊNCIAS

- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Versão de MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1982.
- _____. *O Seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961). Versão de MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.
- _____. *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico* (1967-1968). Versão de circulação interna da Escola de Estudos Psicanalíticos, Porto Alegre: 2001, inédito.
- _____. *O Seminário, livro XXIII: o sinthoma* (1975-1976). Tradução: Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.